



FAKE NEWS E SUAS CONSEQUÊNCIAS À SAÚDE DOS IDOSOS

Cícera Patrícia Daniel Montenegro¹
Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi²
Maria Adelaide Silva Paredes Moreira³

RESUMO

Fake News constituem-se em histórias falsas, com a aparência de notícias jornalísticas, veiculadas pela internet ou por outros meios de comunicação e criadas para influenciar posições políticas ou provocar gracejos; são informações enganosas “fabricadas”, sem comprovação da realidade, mas apresentadas como verdadeiras. Acontecem já há muitos anos, mas o seu uso parece ter-se tornado comum atualmente, causando impacto na população. Entre essa população encontram-se os idosos, considerados como os de maior vulnerabilidade na disseminação de notícias falsas, pois não possuem preparo para o conhecimento e o lidar com o ambiente virtual. Considerando-se incipientes as investigações que abordam essa temática relacionada aos idosos, organizou-se um estudo teórico reflexivo, com buscas de textos nacionais e internacionais, em bases de dados e bibliotecas virtuais, com o objetivo de identificar as principais *Fake News* divulgadas aos idosos e as consequências à sua saúde. Alguns problemas identificados foram: dificuldades dos idosos em aceitar a vacinação contra a COVID-19; falta de interesse para averiguar a veracidade dos fatos veiculados que podem apresentar falsos tratamentos e maneiras de se combater diversos tipos de doenças, sem embasamento científico; aumento da possibilidade de ocorrer interações medicamentosas, abandono do tratamento adequado, agravamento do estado de saúde e morte, entre outros. Idosos buscam as tecnologias para se sentirem inseridos socialmente e mais ativos e conectados, porém podem ser alvos de *Fake News* e, inclusive, adotar práticas de saúde indesejáveis. Cabe aos profissionais de saúde que os atendem informá-los corretamente sobre o que é verdadeiro, fazendo-os perceberem que a ausência da veracidade pode prejudicá-los. O respeito aos compromissos profissionais assumidos deve embasar o trabalho dos que atuam na área da saúde, incluindo-se a busca por informações cientificamente verdadeiras aos idosos, que são considerados como tendo maior vulnerabilidade.

Palavras-chave: Pessoa Idosa, Alteração à Saúde, Fake News.

INTRODUÇÃO

¹ Mestre em Gerontologia pelo Programa de Mestrado Profissional em Gerontologia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, pmontenegro9@gmail.com;

² Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – EERP-USP. Professora Senior da USP e Professora Visitante da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, avrmlccr@eerp.usp.br

³ Doutora em Ciências da Saúde e Professora Adjunta da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, jpadelaide@hotmail.com.

Em 2019, o mundo tomou conhecimento de uma enfermidade desconhecida vinda da China, país onde as pessoas foram primeiramente acometidas por ela; após esse início, a *Coronavirus Disease 19* (COVID-19) causada pelo *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (SARS-CoV-2) avançou as fronteiras e espalhou-se aos demais países, causando adoecimentos severos e mortes em, praticamente, todos eles. A situação tornou-se alarmante e a Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2020, após mais de 100 mil casos, considerou-a uma pandemia (HUMEREZ *et al*, 2020; SILVA *et al*, 2020).

A partir daí, instalou-se um verdadeiro caos mundial; sem grandes conhecimentos sobre o que e como fazer, as autoridades de saúde direcionaram a população para as medidas higiênicas possíveis em situações pandêmicas, até que fossem descobertas medidas mais eficazes. As estratégias para o enfrentamento da pandemia reportavam-se, principalmente, às medidas utilizadas para a prevenção de doenças de transmissão respiratória, como a lavagem regular das mãos, a realização de trabalho remoto, o ensino à distância, o distanciamento social, as proibições de viagens e o uso de máscaras (CRUZ *et al*, 2020). Além disso, as orientações quanto à necessidade de ficar em casa – quarentena - especialmente para os grupos de risco e o medo de contaminação pelo SARS-CoV-2 ocasionaram prejuízos em vários aspectos inclusive pessoais e econômicos (MORAES, *et al*, 2020; GARCIA, DUARTE, 2020).

Estudiosos passaram a tentar descobrir medicamentos que pudessem controlar a doença; vários fármacos foram propostos, inclusive sem embasamentos científicos seguros, enquanto laboratórios tentavam a descoberta de vacinas eficazes contra o vírus da COVID-19.

Descobriu-se que as pessoas idosas eram mais vulneráveis ao SARS-CoV-2, muitas morrendo mais rapidamente que os adultos contaminados. No Brasil, tornou-se evidente essa situação, apresentada pelo Ministério da Saúde, conforme a Figura 1, na sequência.



Figura 1. Perfil dos mortos por COVID-19 no Brasil, segundo a faixa etária. Brasil, Poder 360, 2022.



Junto com o grave problema sanitário, surgiram várias notícias nos meios de comunicação, que abordavam – principalmente – a COVID-19, mas que eram ora verdadeiras, ora falsas (*Fake News*). Essa situação ocasionou insegurança na população, que ficava sem saber direito o que fazer e como proceder diante, principalmente, das pseudoformações. Como muitas pessoas idosas não conseguiam ter acesso direito às mídias sociais, a veracidade das informações não costumava ser questionada, causando-lhes incertezas e inquietações ou fazendo-os repetir inverdades, tidas como certezas, recebidas de grupos sociais.

Entende-se por *Fake News* informações “fabricadas”, inverídicas, sem comprovação da realidade, mas apresentadas como corretas (BERMES, 2021; EMBER, 2017; ALLCOTT, GENTZKOW, 2017). Acontecem já há muitos anos, mas o seu uso tornou-se comum e amplo, causando impacto na população, principalmente no decorrer da pandemia ainda em curso.

O direito à informação correta é relevante para o futuro das democracias e, inclusive, encontra-se no rol dos direitos fundamentais. As *Fake News* ou “informações fraudulentas” não possuem uma suficiente e exata definição do que realmente representam no contexto social. Sua propagação contribui para o sentimento de descrença generalizada do nível de confiabilidade das informações obtidas *online* pelos próprios cidadãos, que sentem os efeitos/consequências reais dessa prática (RAIS, FERNANDES, CIDRÃO, 2018).

Acresce-se que a necessidade de permanecer-se restrito em casa aumentou a consulta às mídias sociais e, assim, houve uma verdadeira “explosão” de *Fake News* (IWENDI *et al*, 2022).

A situação ficou alarmante e a OMS, a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), incluindo o Ministério de Saúde (MS) do Brasil, entre outras, mobilizaram-se e elaboraram relatórios em que o tema foi veiculado, emanando recomendações para combatê-lo. No Brasil, foi criado o Programa “Saúde sem *Fake News*” (MATOS, 2020). Durante a etapa mais agressiva da pandemia e conforme os dados do *Federal Bureau of Investigation* (FBI), o cibercrime aumentou 400%; além disso, houve aumento de crimes cibernéticos (SALEOUS *et al*, 2022).

Estudos que abordam a temática das *Fake News* relacionada aos idosos parecem, ainda, ser incipientes; por outro lado, identifica-se, na atuação prática, que várias dessas pessoas rejeitavam e continuam a não aceitar orientações de saúde preconizadas pelos profissionais dessa área, verbalizando notícias inverídicas sobre o tratamento da COVID-19, com potencial para prejudicar a própria saúde.

Diante do exposto, realizou-se o presente estudo com o objetivo de identificar as principais *Fake News* divulgadas aos idosos e as consequências à sua saúde.

Foi adotado o método denominado teórico-reflexivo, de produção de conhecimento e pesquisa reflexivos, no caso, acerca das *Fake News* relacionadas à pandemia da COVID-19 e a sua influência nos idosos quanto a sua saúde.

Estudos que utilizam o método do ensaio teórico-reflexivo, seguem os pressupostos de uma revisão de literatura, em busca de informações sobre questões específicas de um corpo de conhecimento e discussão sobre um tema em especial, com diferentes pontos de vista, teóricos e/ou práticos (MINAYO, 2006). Pelas características do estudo tornou-se desnecessária a apreciação por um Comitê de Ética em Pesquisa.

Para a busca dos artigos/textos foram utilizados, nos idiomas português e inglês, os descritores *Fake News*, COVID-19, Pessoa Idosa; Alteração à Saúde. A busca ocorreu nas seguintes bases e bancos de dados: *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (Medline) via *Public Medline or Publisher Medline* (Pubmed), *Science Direct* e *Scientific ElectronicLibrary Online* (SciELO). Como filtros colocou-se: anos de 2019 a 2022, estudos primários e nos idiomas inglês, português e espanhol.

Nessa busca, foram evidenciados alguns textos científicos, que após lidos e analisados, foram categorizados da seguinte maneira: “As *Fake News* na pandemia da COVID-19” e “Interferências das *Fake News* na população em geral e entre os idosos”, enfatizando os principais problemas de saúde que lhes ocasionaram.

REFERENCIAL TEÓRICO

As *Fake News* na pandemia da COVID-19

A pandemia da COVID-19 acentuou nas pessoas o hábito já existente de consultas às mídias sociais. No Brasil, as informações e notícias postadas nessas mídias relacionadas à pandemia levaram aos compartilhamentos variados, criando uma rede com conteúdo e pseudoinformações (*Fake News*), que foram veiculadas nas redes sociais de forma rápida e multiplicada entre a população, facilitando a promoção de ações e comportamentos contrários às orientações das autoridades técnicas da saúde.

Esses problemas parecem ter ocorrido em vários outros países. Na Malásia, 869 entrevistados entre 18 e 59 anos relataram os motivos para o compartilhamento de *Fake News* durante a pandemia da COVID-19. Ignorância e altruísmo tiveram um efeito significativo moderado, enquanto que o entretenimento teve um efeito significativamente fraco nessa



disseminação. O comportamento de compartilhar *Fake News* é determinado por diferentes motivos, os quais devem ser melhor compreendidos a fim de serem desenvolvidas soluções para resolvê-los (BALAKRISHNAN, NG, RAHIM, 2021).

Na Nigéria, estudos objetivaram avaliar o impacto da desinformação na prevenção e controle da COVID-19. Foi uma pesquisa documental, que envolveu documentos pessoais e oficiais provenientes das bases de dados Google, PubMed e Google Scholar de fevereiro-outubro de 2020. As informações foram extraídas de jornais, mídias sociais, artigos de periódicos e literaturas cinzentas e mostraram que as mídias sociais representaram uma ameaça à saúde pública naquele país, ao facilitar a desinformação generalizada, especialmente durante as crises de saúde. A plataforma WhatsApp foi muito utilizada na disseminação de desinformação, resultando em medo ou tensão; tornou-se evidente que a Nigéria não lutou, apenas, contra a COVID-19, mas também enfrentou a batalha igualmente mortal da desinformação. Concluiu-se que a desinformação esteve muito sofisticada e seus potenciais espalharam-se rapidamente na era das mídias sociais, resultando em medo ou tensão. É altamente recomendável melhorar a alfabetização em e-saúde e a disseminação de informações corretivas mais intensamente (CHINEDU-OKEKE *et al*, 2021).

Na Romênia em uma amostra de 509 adolescentes e adultos com idades entre 11 e 67 anos, foi avaliado o desengajamento moral (distanciamento entre os padrões morais e os comportamentos imorais) e o *cyberbullying* (comportamento antissocial específico do ambiente on-line) na divulgação de notícias falsas e a relação dessas variáveis com o uso compulsivo da *internet*. Entre adolescentes, o efeito indireto do uso compulsivo da *internet* no *cyberbullying* por meio do desengajamento moral foi significativo; os adolescentes pontuaram mais alto do que os adultos em todas as variáveis primárias; não aconteceram diferenças significativas de gênero, independentemente da idade dos participantes, em termos desse uso compulsivo, desengajamento moral ou *cyberbullying*. Tornou-se claro a importância de ter-se programas de educação *on-line* projetados para envolver adolescentes e adultos em um pensamento crítico, para auxiliar no processo de detecção de *Fakes News*, especialmente durante essa emergência sanitária (MAFTEI, HOLMAN, MERLICI, 2021).

Em Marrocos, notícias nas redes sociais, muitas comprovadamente falsas, foram identificadas, tais como: “é possível você ser contaminado pelo coronavírus se receber pacotes da China”; “o coronavírus é mais perigoso do que o SARS de 2002”; “redes criminosas usurpam a identidade de médicos e enfermeiros para a prática de atos criminosos nas casas dos cidadãos, a pretexto de serem delegados pelos serviços médicos especializados no combate ao novo coronavírus”; “o coronavírus pode viajar até 8 metros de distância ao espirrar ou tossir”; “o



coronavírus pode ser transmitido por picadas de mosquito”; “um oncologista alemão descobriu um medicamento contra o coronavírus”; “o aplicativo “Wiqaytna” acessa o banco de dados de contatos do usuário”; “o aplicativo móvel de notificação de exposição COVID-19 será instalado ou ativado automaticamente em todos os telefones”, entre outras (MADANI, ERRITALI, BOUIKHALENE, 2021).

Na Espanha, determinou-se o impacto de *Fake News* e pseudociências em 1129 médicos atuantes na atenção primária e na emergência, de cinco diferentes comunidades espanholas. Nos testes de detecção de *Fake News*, o uso do pensamento crítico previu 46,9% de redução dos níveis de estresse; as atitudes céticas e o pensamento crítico previram 56,1% das ocorrências; os níveis de estresse durante a pandemia foram significativos; a eficácia da detecção das notícias falsas aumentava em 30,7%, se o indivíduo fosse médico (ESCOLÀ-GASCÓN, DAGNALL, GALLIFA, 2021).

Estudo com autores do Canadá e dos Estados Unidos da América (EUA) indicou que existe desconexão importante entre o que as pessoas acreditam e o que compartilham nas redes sociais e tal dissociação parece ser, em grande parte, motivada pela desatenção, mais do que pelo compartilhamento intencional de desinformação (PENNYCOOK, RAND, 2021).

Uso de medidas protetoras

Em diferentes países e continentes as *Fake News* representaram e ainda podem incorrer em riscos à saúde. Elas preocupam autoridades científicas, especialmente por se instalarem em contextos populacionais grandes e diversificados e constituírem-se em uma verdadeira anti-ciência.

A utilização de óculos na população, do tipo escudos faciais pode ser desnecessária; escudos faciais fornecem uma proteção diferente daquela que os óculos de prescrição padrão poderiam fornecer e não devem ser considerados proteção ocular para o coronavírus; não foram encontradas evidências suficientes para apoiar esse tipo de recomendação para a população em

geral (Brasil, 2020). Entretanto, esse tipo de equipamento, ao menos no Brasil, foi encontrado sendo utilizado por trabalhadores de farmácias, supermercados, comércio em geral, motoristas de taxis, entre outros.

Uso de terapia medicamentosa



As *Fake News* produziram uma série de informações alegando determinados medicamentos como efetivos no combate à virose, sendo não existir comprovação científica para tal. Desde o início da pandemia de coronavírus 2 vários agentes terapêuticos foram reaproveitados para tratar pacientes com a COVID-19 e usados empiricamente antes da realização de estudos clínicos adequados.

Assim, estudo realizado no Nordeste do Brasil que objetivou avaliar estatisticamente o alcance das *Fake News* em Aracaju e o seu impacto na saúde pública, mostrou os seguintes dados: de 266 pessoas entrevistadas, 71,1% eram mulheres, com mediana de 23 anos (21-26), 64,5% tinham o ensino médio completo e o ensino fundamental incompleto; 99,2% conheciam o termo *Fake News* e 64,5% obtinham informações sobre saúde na *internet*; 53,9% conferiam essas informações. Dentre as alegações que circulavam sobre a COVID-19, 87,9% defendiam o uso do medicamento ivermectina para prevenir as formas mais graves do coronavírus; 80,1% acreditavam na eficácia da hidroxicloroquina na prevenção e cura dessa infecção e 66% informaram que os números de casos e de óbitos por coronavírus eram falsos. Acreditavam que o uso de vitamina C e D teria prevenção contra a virose (62,1%) e 5% acreditavam ser suficiente somente isolar a população do grupo de risco (SOUZA *et al*, 2022).

Na Bélgica, análise realizada mostrou a progressão viciosa da anti-ciência, semeando dúvidas sobre a vacinação e promovendo tratamentos com agentes terapêuticos de eficácia não comprovada, como a hidroxicloroquina e a ivermectina; entretanto, também identificou que uma condenação firme sobre esse tema, por parte da comunidade científica, não é suficiente. Cientistas deveriam tentar vulgarizar informações médicas em jornais e redes sociais e até mesmo aceitar debates na televisão sobre *Fake News* com os provedores de desinformação, explicando para as audiências sem conhecimento científico, usando argumentos não polarizados sobre a complexidade que é o tratamento da COVID-19 (TACCONE, HITES, DAUBY, 2022).

Estudo analisou as instâncias contemporâneas do que foi denominado de messianismo farmacêutico, manifestação do populismo médico, baseado na heterodoxia médica, incluindo alegações feitas por cientistas alternativos, sendo que as curas anunciadas são muitas vezes transnacionais, transcendendo as fronteiras geográficas e culturais, considerando-se um fenômeno recorrente. Existe como parte de atuações populistas durante surtos de doenças, com funcionários públicos e políticos tendendo a oferecer 'curas milagrosas' ou 'drogas maravilhosas' que supostamente podem tratar ou prevenir determinadas doenças e, no caso, a COVID-19. Esse messianismo farmacêutico possui quatro características: - surge em tempos de crise sanitária extraordinária; - baseia-se em conhecimentos, práticas e sentimentos pré-



existentes; -toma emprestado da autoridade médica, muitas vezes heterodoxa e -envolve substâncias acessíveis e/ou conhecidas. Dessa forma, durante a pandemia da COVID-19 esse messianismo foi manifestado na França, com o uso de hidroxicloroquina, nas Filipinas com a utilização da ivermectina e em Madagascar, com o uso de Covid-Organics. A natureza recorrente e inevitável do messianismo farmacêutico sinaliza um desafio ainda não cumprido de reconhecer suas lógicas, compreender seus contextos e, contribuir para mitigar suas consequências (LASCO, YU, 2022).

O uso da hidroxicloroquina tornou-se um instrumento dos governantes populistas, que construíram uma rede de ciência alternativa, entendida como um movimento difuso de buscadores da verdade, defensores públicos de suas convicções científicas em uma encruzilhada entre evidências parciais, pseudociência e teorias da conspiração. A composição dessa rede é feita por cientistas, empresários e celebridades unidos por sua desconfiança nos governos e na ciência convencional, formando uma aliança abrangente de influenciadores e líderes (CASARÕES, MAGALHÃES, 2021).

Estresse, angustia, tensão emocional, medo

A pandemia da COVID-19 trouxe desafios para a saúde mental, tanto de adultos, como dos idosos e dos jovens. O volume, o conteúdo negativo, o potencial de desinformação e a disseminação nas notícias veiculadas sobre a pandemia podem ter sido uma causa adicional de angústia, estresse, tensão e mesmo suicídios.

Nesse sentido, estudo de revisão objetivou sintetizar os resultados da pesquisa sobre a relação entre notícias sobre COVID-19 e angústia em jovens. As bases de dados PubMed, Web of Science e PsycINFO foram pesquisadas em 2021 em busca por artigos com pesquisas empíricas examinando a associação entre o consumo de notícias COVID-19 e a saúde mental em amostras de jovens com idade média entre 10-24 anos. Os 13 estudos incluídos envolveram 760.474 participantes em pesquisas predominantemente transversais, com dados coletados durante os bloqueios pandêmico em sete países. O aumento do consumo de notícias foi associado a um declínio na saúde mental (n=11) e os resultados mostraram que a literatura revisada apoia a associação entre o aumento do consumo de notícias relacionadas à pandemia e a diminuição da saúde mental em jovens. Pesquisas futuras devem utilizar *designs* longitudinais, avaliações ecológicas momentâneas e medidas confiáveis/válidas de consumo de notícias para explorar a saúde mental negativa associada às notícias do COVID-19 em jovens (STRASSER, SUMMER, MEYER, 2022).



A necessidade de distanciamento social ocasionada pela pandemia aumentou o uso das mídias sociais para que as sociedades permanecessem conectadas. Estudo conduzido por pesquisadores dos EUA, Noruega e Reino Unido investigou os problemas psicológicos que as sociedades vivenciaram ao usar as mídias sociais durante o período pandêmico crítico. Pesquisas *on-line* transversais foram usadas para coletar dados qualitativos de 1.991 entrevistados que moravam nesses países durante abril-maio de 2020, quando as políticas de permanência domiciliar estavam em vigor. Como resultados teve-se que as preocupações com desinformação, teorias da conspiração e notícias falsas foram levantadas repetidamente como um desafio crítico associado aos relatos de consequências psicológicas negativas durante a pandemia de COVID-19. Em geral, 1 em cada 3 entrevistados expressou preocupação com a desinformação como o principal desafio, com maior prevalência entre os entrevistados dos EUA (41%) do que do Reino Unido (35%) e Austrália (32%). Enquanto alguns pensavam que as mídias sociais facilitariam as conexões sociais, outros disseram que opiniões divergentes de amigos e familiares colocaram estresse nos relacionamentos e criaram uma psicologia negativa. Informações conflitantes (incluindo as de órgãos governamentais, agências de notícias, artigos informativos e opiniões individuais) causaram estresse e ansiedade adicionais. A disseminação de desinformação, notícias falsas e teorias da conspiração causaram desafios psicossociais e desconexões na comunidade. É necessária atenção especial para abordar questões psicológicas causadas pela disseminação de desinformação nas mídias sociais durante a crise (LEUNG *et al*, 2021).

Em Marrocos, evidenciou-se que a COVID-19 foi agravada por transtornos mentais, especialmente estresse e depressão. Nesse sentido, a equipe de saúde deveria estar ciente desse impacto, auxiliando na melhoria do prognóstico da doença, cuidando da saúde mental dos pacientes, para um tratamento mais adequado (BOUABDALLAOUI *et al*, 2021).

Já no México, uma investigação identificou que entre os pacientes que apresentaram a COVID-19, mesmo em sua forma mais leve, houve alto índice de mudanças na qualidade de vida no período pós doença (NAVARRO *et al*, 2021).

Ataques Cibernéticos

Muitos golpes foram feitos à população em geral e aos mais idosos. Governos emitiram avisos sobre essas possibilidades; cibercriminosos tentaram e ainda tentam tirar vantagem das pessoas nesses tempos difíceis, inclusive: configurando domínios da *web* falsos para se disfarçar da OMS, tendo sido relatado mais de 4.000 domínios relacionados ao Coronavírus;



sites falsos anunciam que contêm informações sobre a COVID-19 e incentivam os leitores a fornecer informações pessoais para “inscrever-se para obter mais informações”.

Tais golpes foram identificados das seguintes formas: criação e circulação de panfletos anunciadores de serviços falsos, como instituições de caridade, plataformas de compras *on-line*, relacionamentos românticos e aplicativos de mídia social; mensagens de texto fraudulentas: os com informações falsas ou atraentes seguidas de um *hiperlink* para um site ou *download* de aplicativo e tais mensagens de texto são uma porta de entrada para invadir os dispositivos pessoais de usuários alheios; e-mails falsos de governos e de agências governamentais, incentivando os usuários a fornecerem informações pessoais; Mapas falsos do COVID-19 com taxas de infecção, morte e recuperação, na tentativa de atrair usuários para visualizá-los ou clicar neles, com *malwares* para infectar o dispositivo da vítima assim que o usuário interage com ele; ofertas fraudulentas de fornecimento: com governos de todo o mundo exigindo toques de recolher e quarentenas, muitas empresas baseadas no consumidor começaram a usar plataformas *on-line* para permitir que as pessoas comprem com segurança e evitem contato físico, com as ofertas sendo fabricadas para atrair os compradores a clicar ou responder a anúncios falsos e fornecer informações pessoais (SALEOUS *et al*, 2022).

A construção do aplicativo “eu Fiscalizo” com informações verídicas aos idosos em relação à COVID-19 auxiliou nos questionamentos deles sobre os fatos: das vacinas contra a Covid-19 poderem causar fibromialgia e Alzheimer; dos imunizantes contra a doença serem mais perigosos do que o próprio vírus; das vacinas poderem provocar morte em idosos, entre outras. A vacinação em massa contra a doença fez surgir diversas dúvidas a respeito dos imunizantes e, em consequência, houve um aumento das notícias falsas sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitas vezes, essas notícias falsas podem incentivar ações e comportamentos contrários às diretrizes de autoridades técnicas, associados à uma frágil socialização, além de falta de conhecimento, pressão dos colegas e busca de atenção. Esse rol de elementos pode aumentar os riscos à saúde; nesse sentido, quem usa as mídias sociais precisa verificar a autenticidade das informações que encontra antes de encaminhá-las ou aceitá-las como verdadeiras (APUKE, OMAR, 2021), pois a divulgação de tais notícias impactam significativamente a comunicação sobre saúde (MOSCADELLI *et al*, 2020). As *Fake News* podem provocar, então, muitos problemas à população em praticamente todos os países e alguns estão relatados na sequência.



Os estudos mostram que a hesitação para vacinar contra a COVID-19 ocorreu em vários países e a disseminação de desinformação e de Fake News nas redes sociais alimentaram a preocupação do público sobre os potenciais efeitos colaterais da vacinação (IACOBUCCI, 2019). Essa relutância aconteceu em Bangladesh (ABEDIN *et al*, 2021), na França (PERETTI-WATEL *et al*, 2020), na Europa Ocidental (KENNEDY, 2019), em Israel (DROR *et al*, 2020), entre outros locais, incluindo-se o Brasil. Então percebe-se que as notícias falsas conhecidas como *Fake News* ou crenças pseudocientíficas podem representar riscos à saúde e devem ser alvos de preocupações de autoridades científicas e governamentais, especialmente por se instalarem em contextos populacionais grandes e diversificados.

Teorias de conspiração sobre a COVID-19 existem, como foi identificado na Polônia e na África, por exemplo. O pensamento conspiratório pode ser uma barreira crucial à disposição de ser vacinado e torna-se fundamental concentrar-se no planejamento de intervenções e campanhas que minam as teorias da conspiração sobre a COVID-19 (OLEKSY *et al*, 2022).

Há que se mitigar os efeitos da desconfiança e da desinformação com campanhas de educação continuada e de comunicação focadas em melhorar as informações relacionadas à COVID-19.

Sabe-se que ainda no Brasil, o uso de máscaras foi generalizado, sendo usado pela população dentro e fora de instituições, incluindo as residências. Com o desconhecimento e a veiculação intensa de notícias as mais variadas, eram encontradas pessoas com máscaras diversas (tecido, papel, enfeitadas ou não, coloridas ou não) protegendo apenas bocas, apenas narizes, esquecidas entre queixos e bocas, cobrindo pescoços, descartadas em ruas, em rios e mar e, também, em recipientes apropriados. A lavagem das mãos recomendada, em muitas circunstâncias foi substituída pelo álcool em gel, aplicado inúmeras vezes e sem necessidades para tal.

Diante do exposto até então, percebe-se que os profissionais de saúde devem ter cuidado ao fornecer evidências científicas divulgando informações para a população.

No Brasil, investigação realizada no Rio Grande do Sul com o objetivo avaliar o medo da COVID-19 e sua associação com variáveis sociodemográficas, comportamentais e de saúde coletou dados de 2152 adultos. O maior nível de medo do Covid-19 foi encontrado entre indivíduos do sexo feminino, idosos, mais pobres e menos escolarizados. O medo da COVID-19 pode até ser positivo para engajamento e adesão a orientações que aumentam o autocuidado;



no entanto, quando o medo é exagerado e irracional, pode intensificar comportamentos disfuncionais e prejudicar a saúde mental (MELLER *et al*, 2022).

Estudo realizado na Nigéria de 1 a 8 de fevereiro de 2021, com 22 discussões de grupos focais e 24 entrevistas com informantes-chave, composto por 178 participantes representando as seis zonas geopolíticas do país, reuniu e categorizou as chamadas teorias da conspiração e desinformação que circularam em torno da pandemia da COVID-19. Esses 178 participantes variavam com idades de 18 até 80 anos. Algumas considerações dos entrevistados envolvendo as desinformações foram: a pandemia tornou-se um meio para os funcionários e políticos do governo nigeriano obterem ganhos pecuniários com o uso indevido de fundos, ou seja, foi identificada uma forte desconfiança em relação ao governo; houve também a compreensão generalizada, entre os cristãos, relacionada ao fim dos tempos e a vinda do Anticristo previsto nas escrituras; as vacinas foram consideradas ferramentas de atores ocidentais para controlar ou reduzir a população africana, rastrear pessoas e alterar seu DNA, entre outras afirmações com elevado potencial para prejudicar a saúde das pessoas (WONODI *et al*, 2022).

No Brasil, estudantes de Medicina da região sul do país orientaram a população idosa à proteção contra as *Fake News*, realizando os seguintes procedimentos: verificação se há fonte, como indicação de site e autor do conteúdo; observação da data de publicação; realização de uma leitura além do título e subtítulo; pesquisa em outros sites de conteúdo; avaliação se não se trata de uma piada ou brincadeira; compartilhamento, apenas, após a checagem da veracidade das informações; consultar o canal “Saúde sem fake news” do Ministério da Saúde; consultar os teleatendimentos municipais e nacionais. Também foi explicado sobre a importância da adoção de medidas preventivas e de combate à Covid-19, a forma correta de utilização de máscaras e a diminuição do contato entre pessoas, a fim de frear a propagação do vírus (YABRUDE *et al*, 2020).

A população idosa é mais vulnerável à propagação das *Fake News*, pois os indivíduos acima de 65 anos de idade são sete vezes mais propensos a espalhar notícias falsas do que as pessoas com menos de 29 anos. As hipóteses para essa suscetibilidade incluem, além do posicionamento político-comportamental, o analfabetismo absoluto e o funcional presentes na população idosa; no Brasil, precário domínio das habilidades de leitura e escrita é um fator limitante na diferenciação entre notícias falsas e verdadeiras, o que torna esses indivíduos tanto vítimas como propagadores (YABRUDE *et al*, 2020).

Finaliza-se, com a explicação que historicamente, a população idosa nacional apresenta baixa escolaridade e dificuldade de acesso aos recursos tecnológicos; esse fato interfere na aquisição de conhecimentos sobre a pandemia e limita as possibilidades de



comunicação (HAMMERSCHMIDT, SANTANA, 2020). E entre tais limitações, encontra-se a dificuldade para conferir a veracidade das notícias que recebem, principalmente aquelas que vêm por meio das mídias sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram reduzidos os artigos que tratavam das *Fake News* envolvendo os indivíduos idosos. Entre os que foram identificados, percebeu-se que, possivelmente diante de suas limitações de conhecimento envolvendo as mídias digitais, houve falta de interesse para averiguar a veracidade dos fatos veiculados que podem apresentar falsos tratamentos e maneiras de se combater diversos tipos de doenças, sem embasamento científico; aumento da possibilidade de ocorrer interações medicamentosas, inclusive pelo uso de terapia sem embasamento científico ao lado de seus medicamentos habituais; abandono do tratamento adequado, agravamento do estado de saúde e morte, entre outros.

Idosos buscam as tecnologias para se sentirem inseridos socialmente e mais ativos e conectados, porém podem ser alvos de *Fake News* e, inclusive, adotar práticas de saúde indesejáveis. Cabe aos profissionais de saúde que os atendem informá-los corretamente sobre o que é verdadeiro, fazendo-os perceberem que o que é inverídico pode prejudicá-los. O respeito aos compromissos profissionais assumidos deve embasar o trabalho dos que atuam na área da saúde, incluindo-se a busca por informações cientificamente verdadeiras aos idosos, que já são considerados vulneráveis.

REFERÊNCIAS

ABEDIN, M., ISLAM, M.A., RAHMAN, F.N., REZA, H.M., HOSSAIN, M.Z., HOSSAIN, M.A., AREFIN, A., HOSSAIN, A. **Willing ness to vaccinate against COVID-19 among Bangladeshi adults: Understanding the strategies to optimize vaccination coverage.** *Plos One*, P. 1-17, 2021

ALLCOTT, H., GENTZKOW, M. **Social Media and Fakes News in the 2016 Election.** *Journal of Economic Perspectives*. V. 31(2): 211–236, 2017.

APUKE, O.D., OMAR, B. **Fakes News and COVID-19: modelling the predictors of Fakes news sharing among social media users.** *Telematics and Informatics*, V. 56, 2021.



BALAKRISHNAN, V., NG, K.S., RAHIM, H.A. **To share or not to share – The underlying motives of sharing Fakes news amidst the COVID-19 pandemic in Malaysia.** *Technology in Society*, V. 66, 2021, 101676.

BERMES, A. **Information overload and Fakes News sharing: A transactional stress perspective exploring the mitigating role of consumers' resilience during COVID-19.** *Journal of Retailing and Consumer Services*. v. 61, 2021, 102555.

BOUABDALLAOUI, A., TAOUIHAR, S., AIDOUNI, G.E., AABDI, M., ALKOUH, R., MERBOUH, M., BKIYAR, H., HOUSNI, B. **The impact of mental health on COVID 19 disease progression: Case report.** *Annals of Medicine and Surgery*. V. 68, 2021, 102543.

BRASIL. Mato Grosso do Sul. Secretaria do Estado de Saúde. **Manual de Conduta para o enfrentamento da COVID-19.** Versão 05 – 20/08/2020. Campo Grande – MS. 227 p. Acesso em: https://www.saude.ms.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/MANUAL-DE-CONDUTAS-CORRECAO-v_05_20_08_2020.pdf

CASARÕES, G., MAGALHÃES, D. **The hydroxychloroquine alliance: how far-right leaders and alt-science preachers came together to promote a miracle drug.** *Revista de Administração Pública* [online]. 2021, v. 55, n. 1 [Accessed 9 June 2022] , pp. 197-214. Available from: <<https://doi.org/10.1590/0034-761220200556>>. Epub 05 Mar 2021. ISSN 1982-3134. <https://doi.org/10.1590/0034-761220200556>.

CHINEDU-OKEKE, C.F., UZOCHUKWU, C.E., ELEJE, G.U., OBI, I., ONWUEGBUNA, A.A., & IJEOMA ELEJE, L. (2021). **Effects of misinformation on COVID-19 prevention and control in Nigeria.** *Journal of Clinical Images and Medical Case Reports*.

CRUZ, R.M., BORGES-ANDRADE, J.E., MOSCON, D.C.B., MICHELETTO, M.R.D., ESTEVES, G.G.L., DELBEN, P.B., et al. **COVID-19: Emergência e impactos na saúde e no trabalho.** *Rev Psicol Organ Trab* [Internet]. 2020 [acesso em: 7 de set. 2020]; 20(2).

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-6657202000020000.

DROR, A.A., EISENBACH, N., TAIBER, S., MOROZOV, N.G., MIZRACHI, M., ZIGRON, A., SROUJI, S., SELA, E. **Vaccine hesitancy: the next challenge in the fight against COVID-19.** *Eur. J Epidemiol* 35, p. 775–779, 2020.

EMBER, S. **This Is Not Fakes News (but Don't Go by the Headline).** *The New York Times*, Editorial, April 3, 2017.

ESCOLÀ-GASCÓN, Á., DAGNALL, N., GALLIFA, J. **Critical thinking predicts reductions in Spanish physicians' stress levels and promotes fake news detection.** *Thinking Skills and Creativity*. 2021;42:189-96. <https://doi.org/10.1016/j.tsc.2021.100934>



GARCIA, L.P., DUARTE, E. **Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil.** *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(2), e2020222, 2020.

HAMMERSCHMIDT, K.S. DE A, SANTANA, R.F. **Saúde do idoso em tempos de pandemia Covid-19.** *Cogitare enferm.* [Internet]. 2020 [acesso em “15 ago 2022”]; 25. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72849>.

HUMEREZ, D.C. de, OHL, R.I.B., SILVA, M.C.N. da. **Saúde mental dos profissionais de enfermagem do Brasil no contexto da pandemia COVID-19: ação do Conselho Federal de Enfermagem.** *Cogitare Enferm* [Internet]. 2020 [acesso em: 7 de set. 2020]; 25:e74115. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.74115>.

IACOBUCCI G. **VACCINATION: “Fakes news” on social media maybe harming UK uptake, report warns.** *BMJ: British Medical Journal* (Online); 2019;364: 1365.

IWENDI, C., MOHAN, S., KHAN, S., IBEKE, E., AHMADIAN, A., CIANO, T. **Covid-19 fake news sentiment analysis.** *Computers and Electrical Engineering*, Volume 101, July 2022, 107967. <https://doi.org/10.1016/j.compeleceng.2022.107967>

KENNEDY J. **Populist politics and vaccine hesitancy in Western Europe: an analysis of national-level data.** *European Journal of Public Health*, 29(3): 512–516, 2019.

LASCO, G., YU, V.G. **Pharmaceutical messianism and the COVID-19 pandemic.** *Social Science & Medicine*, Volume 292, January 2022, 114567. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.114567>.

LEUNG, J., SCHOULTZ, M., CHIU, V., BONSAKSEN, T., RUFFOLO, M., THYGESEN, H., PRICE, D., ØSTERTUN GEIRDAL, A. **Concerns over the spread of misinformation and fake news on social media – challenges amid the coronavirus pandemic.** Proceedings. Published: 11 January 2021 by MDPI in The 3rd **International Electronic Conference on**

Environmental Research and Public Health —Public Health Issues in the Context of the COVID-19 Pandemic session Mental Health. <https://doi.org/10.3390/ECERPH-3-09078>

MADANI, Y., ERRITALI, M., BOUIKHALENE, B. **Using artificial intelligence techniques for detecting Covid-19 epidemic fake news in Moroccan tweets.** *Results in Physics*. 2021;25:256-63. <https://doi.org/10.1016/j.rinp.2021.104266>

MAFTEI, A., HOLMAN, A.C, MERLICI, I.O. **Using Fakes news as means of cyber-bullying: The link with compulsive internet use and online moral disengagement.** *Computers in Human Behavior*, V. 127, 2021, 107032.

MATOS, R.C. **Fake News frente a pandemia de COVID-19.** *Vigilância Sanitária em Debate*, vol. 8, núm. 3, 2020, Julho-Setembro, pp. 78-85. INCQS-FIOCRUZ
DOI: <https://doi.org/10.22239/2317-269X.01596>



MELLER, F.O., SCHÄFER, A.A., QUADRA, M.R., DEMENECH, L.M., PALUDO, S.S., SILVA, P.A., NEIVA-SILVA, L., DUMITH, S.C. **Fear of Covid-19 and health-related outcomes: results from two Brazilian population-based studies.** *Psychiatry Research*, Volume 313, July 2022, 114596. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2022.114596>

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14ª ed. São Paulo: **Hucitec Editora**; 2014. 2006.

MONTEIRO, D. **Conheça 6 'fake news' sobre as vacinas contra a Covid-19.** Informe ENSP, 22 abr. 2021. 2p. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/47416>

MORAES, C.L., MARQUES, E.S., RIBEIRO, A.P., SOUZA, E.R. **Violência contra idosos durante a pandemia de Covid-19 no Brasil: contribuições para seu enfrentamento.** *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(Supl.2):4177-4184, 2020.

MOSCADELLI, A., ALBORA, G., BIAMONTE, M.A., GIORGETTI, D., INNOCENZIO, M., PAOLI, S., LORINI, C., BONANNI, P., BONACCORSI, G. **Fakes News and Covid-19 in Italy: Results of a Quantitative Observational Study.** *International Journal of Environmental Research and Public Health*. 2020; 17(16):5850. .

NAVARRO, A.O., CERVANTES-BOJALIL, J., QUEVEDO, O.J.C., MARTÍNEZ, A.A., HERNÁNDEZ-JIMÉNEZ, C.A., ÁLVAREZ, E.P., GIL, A.G., AMARO, A.L.P., VERA-LASTRA, O., LUIS, B.A.L. **Decreased quality of life and spirometric alterations even after mild-moderate COVID-19.** *Respiratory Medicine*; V. 181, 2021, 106391.

OLEKSY, T., WNUK, A., GAMBIN, M., ŁYŚ, A., BARGIEL-MATUSIEWICZ, K., PISULA, E. **Barriers and facilitators of willingness to vaccinate against COVID-19: Role of prosociality, authoritarianism and conspiracy mentality. A four-wave longitudinal study.** *Personality and Individual Differences*, Volume 190, May 2022, 111524. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2022.111524>

PENNYCOOK, G., RAND, D.G. **The Psychology of Fakes News.** *Trends in Cognitive Sciences*, 25(5): 388-402, 2021.

PERETTI-WATEL, P., SEROR, V., CORTAREDONA, S., LAUNAY, O., RAUDE, J., VERGER, P., BECK, F., LEGLEYE, S., L'HARIDON, O., WARD, J. **A future vaccination campaign against COVID-19 at risk of vaccine hesitancy and politicisation.** *The Lancet Infectious Diseases*, 20(7):769-770, 2020.

PODER360. **Coronavírus matou 142 mil idosos no Brasil; conheça situação de 5 países...** Obtido em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/coronavirus-matou-142-mil-idosos-no-brasil-conheca-situacao-de-5-paises/>. © 2022 Todos os direitos são reservados ao Poder360, conforme a Lei nº 9.610/98. A publicação, redistribuição, transmissão e reescrita sem autorização prévia são proibidas. <https://www.poder360.com.br/coronavirus/coronavirus-matou-142-mil-idosos-no-brasil-conheca-situacao-de-5-paises>.

RAIS, D., FERNANDES NETO, R.A., CIDRÃO TV. **Psicologia Política e as Fake News nas eleições presidenciais de 2018.** *Revista do TRE-RS / Tribunal Regional Eleitoral*, Rio



Grande do Sul. – Vol. 1, n. 1 (set./dez. 1996), Porto Alegre: TRE-RS, 1996, ISSN 1806-3497. Acesso em

https://ava.trers.jus.br/ejers/pluginfile.php/2884/mod_resource/content/1/Revista_TRE_46.pdf#page=16

SALEOUS, H., ISMAIL, M., ALDAAJEH, S., MADATHIL, N., ALRABAE, S., CHOO, K.K.R., AL QIRIM, N. **COVID-19 pandemic and the cyberthreat landscape: Research challenges and opportunities. Digital Communications and Networks**

Available online 23 June 2022. In Press, Journal Pre-proof.

<https://doi.org/10.1016/j.dcan.2022.06.005>

SILVA, M.R., BARBOSA, J.N.O., BURGOS, U.M.M.C. **Avaliação do impacto das fake news no âmbito da saúde pública em tempos de pandemia pelo novo coronavírus em Aracajú. The Brazilian Journal of Infectious Diseases**, Volume 26, Supplement 1, January 2022, 102018. <https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102018>.

SILVA, S.P.C, MACIEL, M.J.L., MATOS, K.K.C, SANTOS, S.S., ESPÍNDULA, D.H.P., SILVA, G.L. **Idoso, COVID-19 e mídia jornalística. Kairós-Gerontologia**, 23 (Número Temático Especial 28), 287-307. 2020.

SOUZA, G. B. V., LIMA, B.J.S., SANTOS, J.V.P., MENEZES, C.N., ANDRADE, M.A.R., FONTES, G. Q., SANTOS, E.S., MENEZES, A.C.C., REZENDE, M.L., NASCIMENTO, E.C., ARAGÃO, M.T., MELO, L.S., OLIVEIRA, C. G., NETO, H.S.B., STRASSER, M.A., SUMNER, P.J., MEYER, D. **COVID-19 news consumption and distress in young people: A systematic review. Journal of Affective Disorders**, Volume 300, 1 March 2022, Pages 481-491. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2022.01.007>

TACCONE, F. S., HITES, M., DAUBY, N. **From hydroxychloroquine to ivermectin: how unproven “cures” can go viral. Clinical Microbiology and Infection**, Volume 28, Issue 4, April 2022, Pages 472-474. <https://doi.org/10.1016/j.cmi.2022.01.008>

WONODI, C., OBI-JEFF, C., ADEWUMI, F., KELUO-UDEKE, S. C., GUR-ARIE, R., KRUBINER, C., JAFFE, E. F., BAMIDURO, T., KARRON, R., FADEN, R. **Conspiracy theories and misinformation about COVID-19 in Nigeria: Implications for vaccine demand generation communications. Vaccine**, Volume 40, Issue 13, 18 March 2022, Pages 2114-2121. <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2022.02.005>

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Statement on the second meeting of the International Health Regulations (2005) Emergency Committee regarding the outbreak of novel coronavirus (2019-nCoV) [Internet]. **Geneva: World Health Organization**; 2020. Disponível em: [https://www.who.int/news-room/detail/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/news-room/detail/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-(2019-ncov))

YABRUDE, A. T. Z., et al. **Desafios das Fake News com Idosos durante Infodemia sobre Covid-19: Experiência de Estudantes de Medicina. Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2020, v. 44, n. Supl 01 [Acessado 26 Junho 2022] , e140. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200381>>. Epub 02 Out 2020. ISSN 1981-5271. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200381>.

